

Talentos e formosuras

Tânia Regina Oliveira Ramos

O meu retrato

Isabel Gondin (1863)

Morena. Rósea tez macia e fina;
Estatura meã, busto delgado;
O corrido cabelo acastanhado
Com a sobancelha e olhos combina.

No andar a singeleza predomina,
O talhe esbelto, o porte concentrado;
PESCOÇO alto; nariz, rosto tirado;
Na terna voz frescura cristalina.

Lábio rosado, a cor viva e segura,
A fronte larga e alta, a boca estreita;
As mãos... assim; sadia, a dentadura.

Aos preconceitos do tempo pouco afeita:
Eis esboçada aqui minha figura,
Não sei se verdadeira ou contrafeita.

Na pesquisa que desenvolvo sobre escritoras brasileiras, procuro perceber como se dá a construção biográfica das autorias femininas; como se processam algumas presenças de autoras vivas; como se delineia, no calor da hora, a imagem pública da mulher de letras, que pelas *letras* terá que se tornar visível, controlável, identificável¹. As minibiografias, as apresentações, as orelhas, as contracapas, as fotografias, os currículos, as entrevistas, os rodapés, as publicações alternativas, mas principalmente os *sites* mercadológicos, os *blogs* informativos, as comunidades virtuais são

¹ Este ensaio foi apresentado no *II Seminário Internacional Mulher e Literatura*, “Entre o estético e o político: a questão da mulher na literatura”, realizado no Rio de Janeiro, UERJ, de 2 a 5 de agosto de 2005.

espaços onde as autoras para o século XXI devem aprender a se colocar – a se representar – como escritoras, assumindo assim, diante da instituição acadêmica e fora dela (em outras instâncias igualmente institucionais) um papel social, na relação com uma certa linguagem, certas *imagens* ou uma certa tradição.

Percorro essas construções biográficas feitas de breves comentários, que se não servem de marco, servirão de marcas para que se recupere a idéia mesma de como se dar a ler academicamente essas autoras e seus textos reunidos como *ilhas de edição*. Uso “ilha de edição” como metáfora deste papel de quem organiza textos dispersos ou esparsos como se fossem sistemas analógicos, copiando trechos da fita original para uma nova fita, aproveitando o ponto exato em que se deseja a inserção². É nesse quadro que se inserem “as mulheres que estão fazendo (ou fizeram) a literatura brasileira”. O acesso ao passado literário, fundador de nossa expressão escrita, e, ao mesmo tempo, a vida social e contemporânea da literatura são os dois movimentos constantes de quem pesquisa a historiografia literária.

O que se pode adiantar é que não nos instrumentalizamos ainda para reinventar as escritoras brasileiras do século XIX³, reunidas por uma equipe de pesquisadoras no final do século XX, sob a coordenação da professora Zahidé Lupinacci Muzart e da Editora Mulheres, de Florianópolis; e para sermos mais contemporâneas, sentimo-nos impotentes diante das 55 mulheres elencadas pelas duas antologias organizadas recentemente: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* e *+30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*⁴. Parece paradoxal que um número significativo de escritoras, na era da massificação, sofra, como suas predecessoras, um processo de hibernação. No ritmo em que estamos indo, poderá ser inevitável que em 2100 um grupo de pesquisadoras estará recolhendo dispersos e inéditos de Luci Collin, Daniela Bersiani, Rosa

² Ramos, “A história da literatura enquanto ilha de edição”.

³ Falo especialmente da pesquisa coordenada pela prof^a. Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart, que tem trazido à tona, com uma equipe de pesquisadoras, uma série de escritoras do século XIX. Essas escritoras, romancistas e poetas, fazem parte de *Escritoras brasileiras do século XIX*, volumes 1 e 2, publicação da Editora Mulheres, em 1999 e 2004, respectivamente.

⁴ Rufatto (org.), *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*; Rufatto (org.), *+ 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*.

Amanda Strausz, Ângela Dutra Menezes, Maria José Silveira, Carmen Moreno, entre tantas outras boas escritoras. Ou que estejamos, nós mesmas, ironicamente, *in memoriam*, em rodapés ou referências bibliográficas, numa pesquisa sobre escritoras do século XX e XXI, repetindo o gesto das vinte e sete pesquisadoras, grupo do qual fiz parte⁵, que trabalharam com a recuperação de 106 escritoras brasileiras do século XIX, construindo, através de fragmentos, as suas histórias de vida, as suas vidas literárias, as suas bibliografias e a sua fortuna crítica.

Ao me confrontar, a partir de 2004, com os 55 nomes reunidos pela Editora Record, em mais uma estratégia mercadológica, sob o crivo de um escritor, masculino, singular, Luiz Rufatto, a primeira idéia que tive foi que essas duas publicações poderiam não ser um tributo às mulheres escritoras do século XIX e à própria pesquisa coordenada por Zahidé Muzart, mas respostas editoriais à *Geração 90: manuscritos do computador* e *Geração 90: os transgressores*, antologias, predominantemente masculinas, organizadas por Nelson de Oliveira⁶, nos anos de 2001 e 2003. Seja o que for, não posso deixar de reconhecer a qualidade dos contos selecionados, pequena amostragem do que tem sido produzido por mulheres no Brasil contemporâneo ou sob o signo de uma autoria feminina. Impossível ficar indiferente diante de contos como “Mãe, o cacete”, de Ivana Arruda Leite; “Gertrudes e seu homem”, de Augusta Faro; “Por acaso”, de Nilza Rezende; “A mulher sem identidade”, de Cynthia Dorneles; “Dos Amores fingidos”, de Maria Esther Maciel; e “Xadrez”, de Paula Taitelbaum, entre tantas outras instigantes narrativas.

Por que há uma espécie de orfandade quando lemos estas narrativas? Concordamos com a idéia de Roland Barthes de que a obra é um fragmento de matéria e que ela existe apenas para ocupar alguma porção no espaço reservado aos livros (por exemplo, numa biblioteca)⁷. Mas é exatamente a ausência dos fragmentos de matéria, ou como eles concretamente se mostram, enquanto obra, que motivou o meu Texto.

⁵ Ramos, “Helena Morley”, pp. 944-69.

⁶ A seleção dos novíssimos organizada por Nelson de Oliveira resultou nos livros *Geração 90: manuscritos do computador* (2001) e *Geração 90: os transgressores* (2003), ambos publicados pela Boitempo Editorial, em São Paulo.

⁷ Barthes, “Da obra ao texto”, p. 72.

Vejamos: 25 + 30 nomes foram elencados. Não há da parte do organizador uma outra explicação do processo de seleção se não a de que escolheu aquelas autoras, que começaram a publicar prosa de ficção a partir de 1990, *sem limite de idade, tema, ideologia, estilo ou extensão do trabalho*. Segundo ele, apenas exigiu-se ineditismo dos textos⁸. Houve, no entanto, uma preocupação, por parte da Editora Record e do organizador, de registrar a geografia que percorre seus dois volumes. Fiz o exercício de contabilizar: vinte e uma nasceram no Rio de Janeiro, onze em São Paulo, seis no Rio Grande do Sul, cinco em Minas Gerais, duas na Bahia, duas em Goiás, duas no Paraná, uma em Santa Catarina, uma na Paraíba, uma no Espírito Santo, uma no Ceará, e, paradoxalmente, uma em Portugal e uma na Argentina. Nesta matemática, o que merece ser destacado é como estas autoras são apresentadas. Antecedendo cada um dos contos, o organizador dedica literalmente duas linhas para cada uma delas: nome, cidade natal, ano de nascimento, profissão e onde mora atualmente. Porém, somando-se estes fragmentos, estes minicurrículos, estas minibiografias, construímos um painel significativo para a história contemporânea da literatura brasileira.

Nesta economia biográfica nos são informadas as profissões das cinquenta e cinco mulheres. Elas fazem parte⁹ de um universo humanístico voltado para a linguagem, para a palavra e para a expressão artística: 10 jornalistas, 3 funcionárias públicas, 10 formadas em Letras, 2 em Música, 4 publicitárias, 1 pedagoga, 1 psicanalista, 8 professoras, 1 socióloga, 1 roteirista, 3 tradutoras, 1 shiatsuterapeuta, 1 arquiteta, 2 editoras, 1 crítica de arte, 1 religiosa¹⁰... Dez se assumem escritoras e uma delas é declarada “escritora profissional”¹¹.

Tão importante quanto este lugar de onde falam ou asseguram a sua sobrevivência é a constatação da produtividade literária destas mulheres

⁸ Sobre os pressupostos que nortearam a seleção de Luiz Rufatto é interessante conhecer o ensaio de Virgínia Maria Vasconcelos Leal, “25 mulheres: contradições na formação de um contra-cânone”, apresentado no *II Seminário Internacional Mulher e Literatura*.

⁹ Apenas para Tércia Montenegro (Fortaleza, 1976), autora do conto “D. T.”, não consta uma atividade profissional.

¹⁰ Algumas acumulam funções profissionais como “jornalista e publicitária”, “ex-musicista e tradutora” etc.

¹¹ Letícia Wierzchowski (Porto Alegre, 1962), escritora profissional, mora em Porto Alegre.

(apenas duas ainda são inéditas). Elas escreveram na última década: 7 romances, 55 livros de contos, 22 livros de poesia, 2 biografias, 53 romances, 23 livros de ensaios, 1 livro-reportagem, 1 livro de auto-ajuda, 1 peça de teatro... São 165 livros. Quem os leu? Onde estão? Quem os publicou? Quando daremos visibilidade a esta produção? Por onde elas transitam? Onde elas estão inscrevendo suas histórias de vida? Que corpo feminino é este? Que visibilidade física tem estas mulheres? Como são seus rostos? Quando faremos a arqueologia destes textos?

Cheguei a algumas constatações. Uma delas é a cartografia que repete a idéia de que a referência à figura da autora pode ser ainda reconhecida por silêncios e interrupções. Para se chegar a ela é preciso ler através das ocultações que evidenciam conflitos sincrônicos entre as representações da mulher e a afirmação pela escrita. Uma outra constatação é que o instrumento de atualização das instâncias de divulgação da literatura é, de certa forma, a reprodução da vida social literária, ainda calcada em algumas imagens predominantemente canônicas e excludentes. É só observar que, de certo modo, em relação às textualidades contemporâneas, estamos sempre subordinados à mídia; e ela comanda algumas deliberações. Assim, basta que um jornal ou uma revista de grande circulação insista em certos autores, em certos nomes, em certos títulos que chegam às livrarias, precedidos de recomendação, para que, muitas vezes de forma acrítica, tornemos obrigatória a leitura dos beneficiados pela publicidade. Nisso reside a dificuldade de se formar um cânone literário outro, derivado de um processo mais espontâneo, mais feminino, conseqüência de leituras dos textos poéticos e ficcionais e de um debate crítico mais sólido. Hoje temos que concordar com os que dizem que a senha para se ingressar na festa literária é mesmo a *globalização*, em *uma espécie de embriaguez pela simples contemplação do rótulo da garrafa*.

Quem são estas mulheres que escrevem? Seria preciso mesmo depararmos com o corpo desnudo de Carol Teixeira ou com a página virtual da escritora Índigo, www.jhendrix.net/indigo, que escreve sob pseudônimo¹², nas antologias da Editora Record? Ou nos bastariam as duas linhas dedicadas, por exemplo, a Adriana Lunardi? Que outro caminho poderemos percorrer

¹² Andréa Del Fuego, por exemplo, autora de um dos contos, também escreve sob pseudônimo. Seu nome verdadeiro é Andréa Fátima dos Santos.

para conhecer a vida e a obra destas 55 mulheres, jovens escritoras, profissionais da palavra, que falam literariamente de um presente e de um futuro em “Glória”, “Armadilha”, “Caligrafias”, “Teoria freudiana do medo”, “O círculo de quatro pontas?”

Estou fazendo um exercício de leitura, pela síntese, ora usando a primeira pessoa do singular, ora a do plural. Compartilho a minha vida acadêmica com um grupo que lançou o olhar para escritoras brasileiras do século XIX, que ainda não se debruçou sobre as mulheres do século XX, e que está prematuramente procurando compreender as escritoras para o século XXI. Não se pode prescindir do conhecimento do passado literário, pois é na tradição que um texto se cristaliza; e nem prescindir do intercâmbio cultural com informações mais recentes sobre mulheres escritoras, de tal modo que as contribuições externas da vida literária sejam enriquecimento e não submissão, um exercício de despojamento da consciência forjada por um cânone masculino e previamente determinado¹³. Deve-se deslumbrar sim com a presença de poucas biografias e bibliografias destas mulheres escritoras, a ponto de poder vislumbrar qualidade na quantidade, naquilo que nas antologias se apresenta como a diferença, como o novo ou como um outro mesmo.

Por que procurá-las, como fizemos, livro por livro, nome por nome, nas possibilidades da Internet? Porque não é difícil encontrá-las em comunidades virtuais, fotologs, fotoblogs, revistas, Currículo Lattes, fotosites, imagens como apresentação, apresentação e representação, suporte apto e suficiente a um intercâmbio de informações, que possibilita uma outra construção biográfica destas mulheres, que não apenas estas duas linhas: “Adriana Lunardi (Xaxim – SC – 1964) – Roteirista de televisão, mora no Rio de Janeiro. Bibliografia: *As meninas da Torre de Helsinque* (contos) – 1996 e *Vésperas* (contos) – 2002”.

Ao ir além, nesta procura de um *plus* biográfico, encontro, por exemplo, umas das 55 escritoras se dando a ler autobiograficamente através do pseudônimo: Indigo¹⁴ em sua página na Internet:

¹³ Pinto, “Dossiê: Um esboço do futuro cânone brasileiro”, p. 30. Não há a previsão de nenhuma mulher como futuro cânone nestes apontamentos.

¹⁴ Luiz Rufatto a identifica como Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira. Nasceu em 1971 e em 1997 lançou uma página digital, que mantém até hoje: www.jhendrix.net/indigo Consulta feita neste site em 12 de julho de 2005.

Falo pouco. Sou virginiana. Especialidade: literatura infanto-juvenil. Estilo agridoce com humor levemente doentio. Livros: *Saga animal*, pela Editora Hedra; *Caixinha de madeira*, pela Editora Altana e *Festa da mexerica*, pela Editora Hedra. Jornalista de formação, vivo de publicidade, comercializo meu trabalho literário; nasci em Campinas, moro em São Paulo e meu e-mail é índigo@uol.com.br.

Navego para mais além, em uma espécie de exercício hipertextual, para encontrar nas páginas da revista *Trip*, uma outra jovem escritora, não (re)conhecida entre as 55 mulheres selecionadas por Luiz Rufatto:

Carol Teixeira. A escritora mais bonita do Brasil tira a roupa e mostra conteúdo. Carol Teixeira, 25 anos, gaúcha nascida no Rio de Janeiro, divide-se entre as solares praias de Punta Del Este e as soturnas lições de Nietzsche. Sim, pasme, leitor-voyeur, a guria é escritora, diplomada em Filosofia, pela PUC de Porto Alegre, viciada em tecno, Clarice Lispector e Nutella (...), já escreveu e montou uma peça de teatro *A festa de Belette* e publicou pela Editora Sulina, *Abismos e vertigens*, antologia de textos que conjuga os nomes de Freud e de Nietzsche. Tem um site www.carolteixeira.com.br e lê compulsivamente. Na nuca tatuou uma frase de Charles Chaplin; na linha do biquíni e no braço, duas sentenças de Nietzsche: *Ars existit ne veritas nos destruat* (A arte existe para que a verdade não nos destrua) e “Torna-te quem tu és”. Acabou de ler *A invenção da solidão*, de Paul Auster, e emendou com a leitura de *Os vagabundos iluminados*, de Kerouac¹⁵.

Para quem se debruçou sobre a recuperação da história de vida e a obra de escritoras brasileiras do século XIX, é importante atar estas duas pontas. O silêncio e a ausência podem projetar fantasias no imaginário daqueles que procuram a dona da voz. No entanto, quando a dona da voz passa a ser dona de seu próprio corpo pode – por que não? – buscar a superexposição, e o conceito de privacidade e de silêncio se diluem em um corpo escrito; as minibiografias passam a funcionar não mais como biombo, mas como vitrine.

Assim a minha pesquisa “Ficções contemporaníssimas: verdades no plural”, que objetiva uma saudável procura de novas vozes narrativas, convive ainda com um certo silêncio das escritoras brasileiras, mas quando as páginas virtuais se abrem, encontram-se estrelas e notícias do “show

¹⁵ Bressani, “Carol Teixeira: a escritora mais bonita do Brasil tira a roupa e mostra conteúdo”, pp. 48-59.

business” da literatura¹⁶. As escritoras brasileiras estão ainda sendo formalmente apresentadas por fragmentos, por excertos, por uma soma de narrativas, por duas linhas, por antologias, agrupadas como ilhas de edição. Mas é inegável que muito mais do que 165 livros, multiplicados pelas suas edições, tornaram-se fragmentos de matéria em algumas estantes, prateleiras, vitrines e cabeceiras; e o nome na capa, a assinatura, deve potencializar a busca das mulheres escritoras, que, “aos preconceitos do tempo, pouco afeitas”, buscam o diálogo e desejam, como a poetisa Izabel Gondin, em 1863¹⁷, mostrar seus talentos e, por que não?, suas formosuras.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. “Da obra ao texto”, em *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRESSANE, Ronaldo. “Carol Teixeira: a escritora mais bonita do Brasil tira a roupa e mostra conteúdo”. Revista TRIP, nº 131. São Paulo, Ano 18, março., 2005, pp. 48-59.
- DUARTE, Constância Lima Duarte. “Izabel Gondim”, em MUZART, Zahidé (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, pp. 332-48.
- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. “25 mulheres: contradições na formação de um contra-cânone”, em *XI Seminário Nacional Mulher e Literatura – Entre o estético e o político: a questão da mulher na literatura*, Rio de Janeiro: UERJ, 2-5, agosto 2005. Anais em CD-ROM, pp. 2470-80.
- MUZART, Zahidé (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- OLIVEIRA, Nelson de (org.). *Geração 90: manuscritos do computador*. São

¹⁶ Para ilustrar registramos aqui o blog de Clarah Averbuck <http://brazileirapreta.blogspot.com>, o site de uma autora não incluída nas antologias, Ailin Aleixo, www.mulherhonestacom.br; o site de Cíntia Moscovite www.cintiamoscovite.com.br; o atualizadíssimo blogger de Mara Coradellow www.cadernobranco.blogspot.com.br; o de Doris Fleury www.escrevinhadora.com.br/site, entre outros. Estes sites foram visitados pela última vez em 25 de julho de 2005.

¹⁷ Izabel Gondim foi pesquisada pela professora Dra. Constância Lima Duarte, em Muzart (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*, pp. 332-48.

- Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- . (org.). *Geração 90: os transgressores*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- PINTO, Manuel da Costa. “Dossiê: um esboço do futuro cânone brasileiro”, em *Entre livros*, nº 5. São Paulo, Duetto Editorial, Ano I, 2005.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Helena Morley”, em MUZART, Zahidé (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, pp. 944-69.
- . “A história da literatura enquanto ilha de edição”, em *XIII Encontro Nacional da ANPOLL*. GT História da literatura. Maceió: UFAL, jul. 2004.
- RUFATTO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. São Paulo: Record, 2004.
- . (org.). + *30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. São Paulo: Record, 2005.

Recebido em agosto de 2005.

Aprovado em setembro de 2005.